

Uma leitura das festas religiosas nos livros do antigo Testamento da Bíblia Sagrada

Prof. Dra.Maura Regina Petruski¹

Pensar a respeito das festas religiosas nos remete ao campo de uma cultura religiosa que foi sendo construída numa comunidade ao longo de gerações. Elas trazem a tona memórias e estabelecem identidades que contribuem para a inclusão dos indivíduos em congregações de fé.

A essas modalidades de celebrações que se reportam a perspectiva religiosa estão envolvidas certo número de premissas, tais como, crença, desejos, emoções, simbolismos, representações, fortalecimento de relações, etc, pois exprimem referenciais que fazem parte da natureza subjetiva humana, estando relacionada a sua visão de mundo.

Festas um campo de análise que começou a ser desbravado pelos historiadores a partir da segunda metade do século XX, e atribui-se essa incorporação aos novos objetos, novas abordagens e novos objetivos que foram traçados pelos estudiosos no que se refere a sua área de ação.

Sem dúvida, como nos adverte Michel Vovelle a incorporação desse novo campo

é um reflexo da evolução atual da história das mentalidades, partindo de temas que estavam ainda ao nível de uma história cultural no sentido amplo do termo, se orientou de maneira crescente para uma abordagem do gestual, das atitudes e dos comportamentos coletivos, reflexos inconscientes das sensibilidades do imaginário. Que maravilhoso campo de observação é a festa para o historiador, momento de verdade em que um grupo ou uma coletividade projeta simbolicamente sua representação de mundo, e até filtra metaforicamente todas as suas tensões ².

Como são inúmeras as tipologias festivas que são comemoradas mundo afora, de diferentes formas e em distintos agrupamentos humanos, esse trabalho se encaminha para trazer a tona elementos que estão circunscritos as celebrações festivas que fazem parte dos livros que compõem o antigo testamento da Bíblia Sagrada. Dessa forma, a partir dessa proposta de estudo, esse livro canônico deixa de ser visto do ponto de vista

teológico e religioso e passa a ser considerado como uma de fonte histórica, pois em suas páginas encontramos registradas inúmeras abordagens a esse respeito que se encaminham para histórias de fé, de reinos, de guerras, de cunho pessoal, de atos sacrificiais, etc.

Tais modalidades de celebrações festivas estiveram presentes em várias comunidades dos povos da Bíblia, e estavam localizadas tanto no espaço urbano quanto no rural, como também em pequenas ou grandes comunidades ou, ainda, agregavam moradores de lugares próximos que se uniam para louvarem o Seu Criador. Do ponto de vista fenomenológico, José Severino Croatto³ nos informa que a festa é uma experiência de comunhão com o sagrado, já que nela se celebra algumas de suas manifestações (hierofânicas, cósmicas, telúricas, históricas, pessoais, etc).

Em meio a inúmeras narrativas dessa experiência coletiva registradas nesse livro sagrado, as celebrações religiosas aparecem relacionadas a momentos de sacrifícios, a realização de milagres, as cerimônias de casamentos, ou, ainda, reuniões individuais e familiares, quando grupos e comunidades de pessoas aparentemente “comuns”, principalmente lavradores e pastores que saíam do seu cotidiano, paravam seus afazeres para dedicarem parte do(s) seu(s) dia(s) ao Senhor, na edificação de um tempo sagrado repleto de referenciais simbólicos.

Eram nesses momentos de cunho coletivo em que a comunidade geradora de religiosidade se identificava a partir de suas crenças, seus símbolos e ritos constituindo-se como configuradores de identidade cultural e religiosa de um grupo que se perpetuaram na temporalidade da longa duração. Nas palavras de Eric Hobsbawn “é uma crença que utiliza símbolos e alegorias com a finalidade de contar e reviver uma história”⁴.

A permanência da realização de festas religiosas no seio desses agrupamentos humanos se manteve entre os indivíduos inicialmente na perspectiva da oralidade que contribuiu para perpetuar a memória de um povo que recebeu de seu Deus tal obrigação. Lemos em Êxodo: “conservareis a memória daquele dia, celebrando com uma festa em honra do Senhor: fareis isto de geração em geração, pois é uma instituição perpétua” (12:14).

Distribuídas em vários livros da Bíblia - Ex 34,18-13 23, 14-17; Dt 16, 1-7 e Lv 13 - encontramos a legislação acerca das principais festas religiosas dos homens de fé,

que reuniam-se anualmente para celebrar a sua submissão ao Criador. Dentre as comemorações estão às festas das Tendras, das Semanas, das Colheitas, de Pentecostes, dos Pães Ázimos e da Páscoa, que por meio de suas celebrações os indivíduos reforçavam e reafirmavam sua crença e também a sua submissão ao Senhor.

Especificamente no livro do Êxodo encontramos a narrativa que evidencia o ordenamento do Senhor no que diz respeito à obrigatoriedade na realização dessa modalidade de experiência religiosa, assim está posto:

Três vezes por ano celebrarás uma festa em minha honra. Observarás a festa dos Ázimos: durante sete dias, no mês das espigas, como fixei, comerás pães sem fermento (foi nesse mês que saíste do Egito). Não se apresentará ninguém diante de mim com as mãos vazias. Depois a haverá a festa da Ceifa, das primícias do teu trabalho, do que semeaste nos campos; e a festa da Colheita, no fim dos anos, quando recolheres nos campos os frutos do teu trabalho. Três vezes por ano, todo indivíduo do sexo masculino se apresentará diante do Senhor JAVÉ.

Guardarás a festa dos Ázimos: como prescrevi, no tempo fixado do mês das espigas (porque foi neste mês que saíste do Egito) só comerás, durante sete dias, pães sem fermento.

Celebrarás a festa das Semanas, no tempo das primícias da ceifa do trigo, e a festa da colheita, no fim do ano⁵.

Tendo como ponto de referência esse ordenamento pode-se constatar que as festas se encaminham para eventos que estavam ligados ao ritmo de vida agrária desse grupo, distribuídos ao longo do ano, que eram lidos e organizados em chave religiosa. Contudo, eram dois os períodos que proporcionariam um tempo de vida litúrgica no decorrer do ano civil, quando havia um recorte no tempo cronológico: o primeiro na Primavera com a comemoração do Pão Ázimo (que mais tarde passou a chamar-se Páscoa) e também da Colheita (depois Pentecostes); o segundo, no Outono quando eram solenizadas a celebração do Tabernáculo (depois Tendras) e do Ano Novo.

Desta feita, um cenário com a presença de sinais sígnicos era todo construído para as louvações, reformando a paisagem que cercava o cotidiano das pessoas gerando uma aproximação maior com a dimensão sagrada e produzindo uma carga simbólica sobre esse espaço, demarcando uma territorialidade religiosa que se tornava momentaneamente num “lugar sagrado”. “É nessa poderosa estratégia de geografia de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus⁶” .

A princípio, as solenidades aconteciam no campo ou próximas a ele, normalmente junto à natureza, compondo o cenário mágico, e ao mesmo tempo racional, para se efetuar a ligação entre o mundo terreno com o mundo espiritual evocando a presença do Pai, para que tudo que ali fosse feito chegasse até Ele.

Nesse lugar que deixava de ser meramente físico ele adquiria uma dimensão qualitativamente superior, onde depositavam suas crenças, temores, sentimentos e esperanças, criando uma aura propícia para as orações. Vale lembrar que a oração, com sua diversidade de variedade de conteúdo e formas, é a comunicação por excelência do ser humano com a divindade⁷.

Marcel Mauss escreve que a oração é um dos fenômenos centrais da vida religiosa e é, de certa forma, um credo. Ela reflete a cosmovisão e as práticas da comunidade em que é realizada. Segundo o autor, na oração “o rito está unido à crença. A oração, da mesma forma que o mito, está carregada de sentido, frequentemente é tão rica em idéias e imagens como um relato religioso. A oração está cheia de força e de eficácia, é tão poderosamente criadora como uma cerimônia simpática⁸”.

Além das orações, oblações, jejum, imolação de animais eram outras práticas que faziam parte de algumas das etapas que compunham o conjunto celebrativo daqueles homens, os quais formavam o elo de ligação entre os dois mundos: o natural e o sobrenatural, criando todo um aparato de representação concedendo uma outra dimensão a pequenos objetos, independente de suas origens e funções, elevando-os a condição de “bens simbólicos” agregando-lhes sentidos ocultos. entre eles destaca-se a água, as estrelas, os galhos de árvores, o sangue e algumas espécies de animais. De acordo como José Severino Croatto, é pela ela “ação ritual, realizada a oferenda/vítima é ‘feita sagrada’, deixa de ser um elemento profano e passa a ser um elemento *sagrado* que, como tal, é apresentado à divindade⁹”.

Contudo eram os sacrifícios que prevaleciam nos períodos festivos, normalmente realizados com exemplares de animais ainda “jovens”. Windengren nos informa que sacrifício é uma

ação religiosa, o rito, que, mediante a consagração a uma divindade de um ser vivo, uma espécie vegetal, um líquido ou um objeto – quando se trata de um ser vivo, com ou sem imolação -, cria um vínculo entre essa divindade e a pessoa que realiza o rito; tudo isso, na suposição de que o mencionado rito possa influenciar a divindade no sentido pretendido pelo oferente¹⁰.

Entretanto, a realização de festas religiosas em um local fixo só veio acontecer mais tarde nessas comunidades, a partir da edificação do Templo de Jerusalém¹¹ quando as celebrações passaram a ser chamadas de *Festas de Peregrinação*, ou seja, quando as pessoas saíam de suas casas normalmente em pequenos grupos indo em direção a Jerusalém para solenizar principalmente a Páscoa, o Pentecostes¹² e o Tabernáculo¹³. Geraldo Coelho Dias¹⁴ faz menção a essa perspectiva quando escreve sobre essas modalidades festivas, que são comemorações alegres que contavam com a realização de dança e com o somido emitido por instrumentos musicais. Esse termo *HAG* é particularmente reservado para essas três grandes festas períodos em que o povo subia a Jerusalém, a pé, cantando salmos graduais ou cânticos das subidas. Nesse momento, já eram os sacerdotes que conduziam as celebrações, pois até então eram os próprios membros da “irmandade” que dirigiam as etapas festivas.

A partir desse momento na história das festas religiosas contidas na Bíblia muitas celebrações já tinham sido ressignificadas, principalmente porque já era um novo contexto histórico desse povo que havia se libertado do cativeiro que tinha lhe sido imposto no território da Babilônia, região da Mesopotâmia, que aconteceu entre os anos de 587 até 537 a.C.. Para tanto, Herculano Alves nos alerta que:

quando lemos diferentes textos da Bíblia sobre a mesma festa, nem sempre o sentido é o mesmo, pois certos textos receberam um conteúdo diferente à medida do crescimento da história do povo de Deus. Assim, para o autor pelo fenômeno das releituras ou reinterpretação da mesma realidade religiosa, em função de acontecimentos marcantes ou de diferentes épocas históricas, a mesma festa pode adquirir um novo sentido¹⁵.

Dessa forma, ainda de acordo com o Alves, essas manifestações religiosas simbólicas,

lembram sempre feitos de Deus a favor de seu Povo: o Sábado lembra a Criação; a Páscoa, a Libertação de Egipto; os Tabernáculos, a caminhada do Povo pelo deserto, o tempo do noivado do povo com Javé. Por outro lado, os feitos de Deus no passado, garantem o futuro do Povo: o Sábado é promessa duma nova Criação ainda maior; a Páscoa é anúncio dum Novo Êxodo e duma Nova Libertação, mais maravilhosa e definitiva; a Festa dos Tabernáculos é a certeza de que o Reino de Deus se estenderá terra¹⁶.

A partir de então, e considerando que havia a necessidade de sistematizar a realização das celebrações festivas das comunidades numa perspectiva temporal,

organizou-se a sua distribuição dentro de um calendário anual¹⁷ ritmado pelas festas, que ficou assim fixado:

Mês	Referência Bíblica	Equivale hoje	Festa
1° Nisan	Ex 12; Ne 2,1	Março – Abril	Dia 14 -15: PÁSCOA – 21: Ázimo
2° Iyyar	1 Rs 6, 1.37	Abril – Maio	
3° Sivan	Est 8,9	Maio – Junho	6 - 7: PENTECOSTES ou Semanas
4° Tamuz	Ez 8, 14	Junho – Julho	
5° ‘ Ab	Ne 6,15	Julho - Agosto	9: Jejum
6° Elu	1 Rs 8,2	Agosto – Setembro	
7° Tishri	1 Rs 8,2	1 de Setembro – Outubro 10 de Setembro – Outubro 15 – 22 de Setembro – Outubro	Ano Novo (1° dia do mês) YOM KIPPUR TENDAS
8° Maresvan	1s 6,38	Outubro – Novembro	
9° Kisleu	Ne 1,1	25 Novembro – Dezembro	
10° Tebet	Est 2, 16	Dezembro – Janeiro	HANUKKAH
11° Sebat	Zac 1, 7	Janeiro – Fevereiro	
12° Adar	Esd 6,15	14 Fevereiro – Março	PURIM

Fonte: ALVES, Herculano. **Calendário das festas bíblicas**. Lisboa:Gráfica de Coimbra 1995, p. 11.

Geraldo José A. Coelho Dias quando analisa o panorama das festas bíblicas ele nos afirma que elas pretendem levar o homem a uma relação transcendente, exigindo do mesmo homem uma disposição interior de comunhão com Deus. Deste modo,

as festas podem implicar uma atitude **latrêutica** ou de adoração, **eucarística** ou de ação de graças, e estas festas, naturalmente, são de alegria e louvor. Mas a festa religiosa pode assumir também uma dimensão de humildade em que a criatura exterioriza a sua pobreza e necessidade de Deus ou dos santos; e então, a festa leva a uma atitude **impetratória** ou de súplica, ou a uma atitude **propiciatória** ou de sacrifício para obter perdão de faltas conscientemente cometidas e sinceramente assumidas¹⁸

Por fim, vale considerar a perenidade das festas religiosas, pois elas ainda se fazem presentes no mundo contemporâneo despertando os mais variados sentimentos,

tanto de quem as pratica quanto que quem as observa, demonstrando a sua capacidade de resistir ao tempo.

¹ Professora Dra. integrante do corpo de professores da UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa. Endereço eletrônico mpetruski@uol.com.br.

² VOVELLE, Michel. **Ideologia e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 246.

³ CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução a fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 383.

⁴ HOBBSAWM, Eric. **Introdução à invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 09.

⁵ Bíblia Sagrada. Ex 23:14-19.

⁶ ROSENDAHL, Zeny. **Geografia e Religião: Uma proposta**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, Ano I, p. 45-74, out. 1996, p.96.

⁷ CROATTO, José Severino. Op Cit, p. 376.

⁸ MAUSS, Marcel. La oración. In: **Lo sagrado Y lo profano**. Barcelona, Barral, 1970, p.98.

⁹ CROATTO, José Severino. Op. Cit, p. 367.

¹⁰ WINDENGREN, G. apud CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução a fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas. 2001, p. 365.

¹¹ O Templo de Jerusalém situava-se no Monte Moriá (também chamado *Monte do Templo*). Foi o sucessor do Tabernáculo construído pelo profeta Moisés segundo a revelação divina recebida no Sinai.

De acordo com a tradição judaico-cristã, o Primeiro Templo teve sua construção iniciada no terceiro ano do reinado de Salomão e concluída sete anos depois. O Segundo Templo foi o povo judeu que construiu após o regresso a Jerusalém, após o Cativo da Babilônia. Sofreu modificações com o rei Herodes, o Grande. Acabaria também por ser destruído em 70 DC, desta vez pelas legiões romanas comandadas pelo general Tito. Deste templo atualmente só restou o que conhecemos como o Muro das Lamentações.

¹² A origem do Pentecostes vem do Antigo Testamento, uma celebração da colheita (Êxodo 23, 14), dia de alegria e ação de graças, portanto, uma festa agrária. Nesta, o povo oferecia a Deus os primeiros frutos que a terra tinha produzido. Mais tarde, tornou-se também a festa da renovação da Aliança do Sinai (Ex 19, 1-16). As razões deste novo nome são várias: (a) nos últimos trezentos anos do período do Antigo Testamento, os gregos assumiram o controle do mundo, impondo sua língua, que se tornou muito popular entre os judeus. Os nomes hebraicos - hag haqasir e hag xabu'ot - perderam as suas atualidades e foram substituídos pela denominação Pentecostes, cujo significado é cinquenta dias depois (da Páscoa). Como o Império Grego assumiu o controle do mundo, em 331 anos antes de Jesus, é provável que o nome Pentecostes ganhou popularidade a partir desse período.- In: SIQUEIRA, Tércio Machado. **A Festa de Pentecostes no Antigo Testamento**. Disponível em <http://www.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/a-festa-de-pentecostes-no-antigo-testamento>

¹³ Também conhecida como Festa das Cabanas ou, ainda, festa das colheitas visto que coincide com a estação das colheitas em Israel, no começo do Outono.

¹⁴ DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho. **Do Sábado ao Domingo**. Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1995, p. 14.

¹⁵ ALVES, Herculano. **O calendário das festas bíblicas**. Lisboa: Gráfica de Coimbra, 1995, p. 27.

¹⁶ Idem p. 3

¹⁷ Para o contexto bíblico predomina o calendário hebraico e tem suas origens no calendário babilônico. Trata-se de um calendário lunar, composto de 12 ou 13 meses, cada um com 29 ou 30 dias. Cada início de mês coincide com o primeiro dia da lua nova. O calendário hebraico considera um ciclo de 19 anos, que são divididos em normais (peshutim) e especiais (meubbarim). Os anos especiais são compostos de 13 meses. Os anos especiais são o terceiro, sexto, oitavo, décimo primeiro, décimo quarto, décimo sétimo e décimo nono do ciclo. O mês lunar dura 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 3 segundos. Isso faz com que, em relação ao calendário solar, o calendário lunar fica atrás de aproximadamente 10 dias e 21 horas num ano. Graças ao décimo terceiro mês, se consegue recuperar essa diferença, ficando para trás apenas 7 minutos a cada ano. ROSA, Luiz da. **Os calendários na terra bíblica** (2010) disponível em http://www.abiblia.org/ver.php?id=1437&id_autor=2&id_utente=&caso=artigos

¹⁸ DIAS, Geraldo José Coelho. Op. Cit., p. 13.

Referências Bibliográficas

ALVES, Herculano. **O calendário das festas bíblicas**. Lisboa:Gráfica de Coimbra, 1995.

_____. **A festa da Páscoa na Bíblia**. Lisboa:Gráfica de Coimbra, 1995.

BARROS, Marcelo. **O divino segredo da festa**. Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. In:___ O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução a fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

DIAS, Geraldo José Amadeu Coelho. **Do Sábado ao Domingo**. Lisboa:Gráfica de Coimbra, 1996.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOBBSAWM, Eric. **Introdução à invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MAUSS, Marcel. La oración. In: **Lo sagrado Y lo profano**. Barcelona, Barral, 1970.

ROSA, Luiz da. **Os calendários na terra bíblica** (2010) disponível em http://www.abiblia.org/ver.php?id=1437&id_autor=2&id_utente=&caso=artigos

ROSENDAHL, Zeny. **Geografia e Religião: Uma proposta**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, Ano I, p. 45-74, out. 1996.

_____. **ESPAÇO, SIMBOLISMO E RELIGIÃO: RESENHA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO**. Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009.

SIQUEIRA, Tércio Machado. **A Festa de Pentecostes no Antigo Testamento**. Disponível em <http://www.metodista.br/fateo/materiais-de-apoio/estudos-biblicos/a-festa-de-pentecostes-no-antigo-testamento>

WINDENGREN, G. apud CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução a fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001

VOVELLE, Michel. **Ideologia e Mentalidades**. São Paulo. Brasiliense.